

JAMIE FORD

O GOSTO PROIBIDO DO GENGIBRE

Tradução de Vasco Gato

*My poor heart is sentimental
Not made of wood
I got it bad and that ain't good*

*O meu pobre coração é sentimental
Não é feito de pau
A coisa bateu-me forte e isso não é bom*

Duke Ellington, 1941

O Hotel Panama

(1986)

O velho Henry Lee permanecia transido com todo aquele tumulto no Hotel Panama. O que começara por ser uma multidão de mirones curiosos a fitar uma equipa de reportagem da televisão alargara-se agora a uma educada turba de turistas, de pessoas que andavam às compras e de uns quantos miúdos de rua com ar de *punks*, todos questionando o motivo de tanto alarido. No meio da multidão estava Henry, carregado com sacos de compras. Sentia-se como se estivesse a acordar de um sonho há muito esquecido. Um sonho que tivera em criança.

O antigo ex-líbris de Seattle era um sítio que visitara por duas vezes na vida. A primeira, quando tinha apenas doze anos de idade, em 1942, «os anos da guerra» como ele gostava de lhes chamar. Já nessa altura, o velho hotel funcionara como passagem entre a Chinatown de Seattle e Nihonmachi, a Japantown. Dois postos avançados de um conflito do velho mundo, onde os imigrantes chineses e japoneses raramente falavam uns com os outros, ao passo que os filhos nascidos na América costumavam jogar à lata juntos nas ruas. O hotel sempre fora um ex-líbris perfeito. Um ponto de encontro ideal, onde ele outrora conhecera o amor da sua vida.

A segunda vez naquele preciso momento. Estávamos em 1986. Teriam decorrido, o quê?, uns quarenta e tal anos? Henry deixara de contar os anos à medida que iam deslizando para o fundo da memória. Afinal, decorrera uma vida inteira entre estas visitas espaçadas. Um casamento. O nascimento de um filho ingrato. Cancro e um funeral.

Sentia saudades da sua mulher, Ethel, que desaparecera havia seis meses. Porém, não tantas como se pensaria, por muito injusto que possa parecer. No fundo, sentia mais um alívio silencioso. A saúde dela degradara-se, pior: o cancro que lhe atacou os ossos fora completamente traumatizante, para ambos, pensou ele.

Durante os últimos sete anos, Henry dera-lhe de comer, dera-lhe banho, ajudara-a a ir à casa de banho sempre que ela precisava, e a regressar depois de terminar. Tomou conta dela noite e dia. Marty, o filho, achava que a mãe deveria ter sido posta num lar, mas Henry não aceitava sequer tal hipótese.

«Não enquanto eu for vivo» dizia Henry, resistindo.

Não apenas por ser chinês (embora isso tivesse influência na sua decisão). O ideal confuciano de piedade filial, o respeito e a reverência pelos pais, era uma relíquia cultural que dificilmente seria descartada pela geração de Henry, que fora educado no sentido de cuidar dos entes queridos pessoalmente, e colocar alguém num *lar* era inaceitável. Aquilo que o filho, Marty, nunca compreendeu totalmente foi que lá bem no fundo Ethel deixara um vazio na vida de Henry e, sem ela, aquilo que sentia era a corrente de ar da solidão, fria e pungente, os anos a esvaírem-se como sangue de uma ferida que teima em não sarar.

Agora ela tinha desaparecido para sempre. Devia tê-la sepultado, pensou Henry, segundo o modo tradicional chinês, com oferendas de comida, vestimentas fúnebres e cerimónias de oração que se prolongam por vários dias, apesar da vontade de Marty de a cremar. Ele era tão *moderno*. Andava a consultar um psicólogo e a lidar com a morte da mãe através de um grupo de apoio qualquer. Falar com desconhecidos assemelhava-se a não falar com ninguém, coisa em que Henry tinha uma certa experiência na primeira pessoa, na vida real. Era solitário. Quase tão solitário como o Cemitério de Lake View, onde enterrara Ethel. Ela tinha agora uma vista maravilhosa para o lago Washington, e estava sepultada na companhia de outros notáveis chineses de Seattle, como Bruce Lee. Porém, no final, cada um deles ocupava uma campa solitária. Sozinhos para sempre. Independentemente de quem fossem os vizinhos. Não havia conversa.

Quando a noite caía, Henry punha-se a falar com a mulher, perguntando-lhe como tinha corrido o dia. Ela nunca respondia, como é óbvio.

«Não sou maluco nem nada que se pareça», dizia Henry para si mesmo, «apenas tenho um espírito aberto. Nunca se sabe quem poderá estar a ouvir».

Depois, entretinha-se a podar a sua palmeira chinesa e outras plantas de interior cujas folhas castanhas denunciavam meses de negligência. Agora, porém, voltava a ter tempo. Tempo para cuidar de algo que, para variar, se fortaleceria.

De vez em quando interrogava-se sobre estatísticas. Não sobre as taxas de mortalidade do cancro que tinha levado a querida Ethel, mas sobre si mesmo e no tempo de vida que lhe restava segundo uma qualquer tabela de mortalidade de uma agência de seguros de vida. Tinha apenas cinquenta e seis anos, era um homem jovem segundo os seus próprios padrões. Porém, lera na *Newsweek* um artigo sobre o declínio inevitável da saúde de um cônjuge viúvo na sua idade. Estaria o relógio a contar? Henry não tinha a certeza, pois assim que Ethel faleceu o tempo começou a arrastar-se, com ou sem relógio.

Ele aceitara um acordo de reforma antecipada do seu emprego na Boeing Field, dispondo agora de todo o tempo do mundo, e ninguém com quem partilhar as horas. Ninguém com quem ir até à padaria Mon Hei nas frescas tardes de outono, para comprar *yuet beng*, tortas de cenoura.

Ao invés, ali estava ele, sozinho no meio de uma multidão de desconhecidos. Um homem entre vidas, novamente imóvel junto do Hotel Panama; percorrendo os degraus rachados de mármore branco que faziam com que o edifício parecesse mais uma casa ao estilo *Art Déco*. Aquele estabelecimento, tal como Henry, parecia estar suspenso entre mundos. Apesar disso, Henry sentia-se nervoso e entusiasmado, tal como lhe acontecia em miúdo, sempre que passava por ali. Ouvira um boato no mercado e dirigira-se para o local vindo do clube de vídeo na South Jackson Street. Ao início, achou que se tratava de um acidente qualquer, devido à multidão que ia engrossando. Porém, não ouvia nem via nada que apontasse para isso, nenhuma sirene, nenhuma

luz a piscar. Apenas pessoas que rumavam ao hotel, como a ressaca do mar, impelindo-as para diante, um passo de cada vez.

Ao aproximar-se, Henry viu uma equipa de reportagem a chegar e seguiu-os até ao interior. Houve uma brecha na multidão à medida que os mirones, com vergonha das câmaras, se afastavam educadamente, abrindo caminho. Henry seguia logo atrás, arrastando os pés para não pisar ninguém, nem ser pisado, sentindo a multidão a comprimir-se novamente atrás de si. Já no interior do átrio, a nova proprietária do hotel anunciou:

– Fizemos uma descoberta na cave.

Descobriram o quê? Um corpo, talvez? Ou um laboratório de droga qualquer? Não, teria de haver agentes da polícia a delimitar a zona se o hotel fosse o local de um crime.

Até à chegada da nova proprietária, o hotel mantivera-se entaipado. Sempre estivera assim desde 1950. Chinatown tornara-se num gueto de entrada para os *tongs*, os *gangs* de Hong Kong e Macau. Os quarteirões a sul da King Street possuíam uma sujidade encantadora de dia; no passeio, o lixo e o seu rasto viscoso eram em geral ignorados por turistas que observavam de perto a arquitetura ornamental de outra época. Crianças em visitas de estudo, embrulhadas em casacos coloridos e chapéus, davam as mãos enquanto seguiam o odor a pato assado, uma visão apetitosa nas montras à sua volta. À noite, porém, traficantes e prostitutas escanzeladas de meia-idade assombravam ruas e becos. A ideia de ver aquele ícone da sua infância a transformar-se numa casa de *crack* improvisada encheu Henry de uma melancolia que não sentia desde o momento em que segurara a mão de Ethel e a vira a expirar, longa e lentamente, pela última vez.

As coisas preciosas pareciam estar a perder-se, para nunca mais voltarem.

Ao tirar o chapéu para se abanar com a aba puída, a multidão começou a empurrar, precipitando-se para o interior do hotel. *Flashes* dispararam. Pondo-se em bicos de pés, Henry espreitou por cima do ombro do repórter alto que tinha à sua frente.

A nova proprietária do hotel, uma mulher esbelta de raça branca, ligeiramente mais nova do que Henry, subiu os degraus agarrada a... *um chapéu de chuva?* A mulher abriu-o, e o coração de Henry acelerou

um pouco ao perceber do que se tratava. Uma sombrinha japonesa, feita de bambu, em vermelho-claro e branco, com *koi* pintados de cor de laranja, carpas que pareciam gigantescos peixes dourados. A sombrinha soltou uma película de pó que ficou a pairar, momentaneamente suspensa, enquanto a proprietária do hotel fazia rodopiar aquele objeto de aspeto frágil para as câmaras. Dois homens trouxeram um baú coberto de etiquetas de portos estrangeiros: Admiral Oriental Lines de Seattle e Yokohama, Tóquio. De lado, surgia o nome Shimizu, pintado à mão em grandes letras brancas. O baú foi aberto diante da multidão curiosa. Lá dentro estavam roupas, álbuns de fotografias e uma velha panela elétrica de fazer arroz.

A nova proprietária do hotel explicou que encontrara na cave os pertences de trinta e sete famílias japonesas que, ao que presumia, tinham sido perseguidas e levadas. Os seus pertences tinham ficado escondidos para não mais voltarem a ser recuperados: uma cápsula temporal dos *anos da guerra*.

Henry observava em silêncio à medida que um pequeno cortejo de caixotes de madeira e malas de couro ia sendo içado escadas acima, com a multidão maravilhada diante daqueles objetos outrora preciosos: um vestido de primeira comunhão, castiçais de prata oxidados, um cesto de piquenique; artigos que tinham acumulado pó, intactos, ao longo de mais de quarenta anos. Guardados para uma época mais feliz que não chegou.

Quanto mais Henry pensava naquelas bagatelas velhas e gastas, naqueles tesouros esquecidos, mais se interrogava se poderia encontrar, escondido entre os haveres por reclamar de um outro tempo, o seu próprio coração destroçado. Entaipado na cave de um hotel condenado. Perdido, embora jamais esquecido.

Marty Lee

(1986)

Henry deixou para trás a multidão do Hotel Panama e dirigiu-se para casa, em Beacon Hill, perto dos bairros mais funcionais, na rua acima de Chinatown. Uma modesta casa com três quartos e uma cave, ainda em obras passados tantos anos. Henry fizera tenções de a concluir quando Marty foi para a faculdade, mas o estado de Ethel piorara e todo o dinheiro que tinham poupado para tempos difíceis foi gasto em despesas médicas, uma torrente que durou praticamente uma década. A ajuda dada pelo Estado chegou perto do final, mesmo a tempo, e poderia até ter financiado uma casa de repouso, mas Henry manteve-se fiel ao seu juramento: cuidar da mulher na doença e na saúde. Para além disso, quem haveria de querer passar os seus últimos dias numas instalações públicas semelhantes a uma prisão onde toda a gente parecia viver no corredor da morte?

Sem que Henry pudesse responder à sua própria pergunta, Marty bateu duas vezes à porta principal, entrando de imediato e saudando-o com um descontraído:

– Como é que isso vai, pai?

Depois, dirigiu-se logo para a cozinha.

– Eu vou já aí ter, não te levantes, só preciso de beber qualquer coisa, vim a caminhar desde Capitol Hill, para fazer exercício. Sabes, também devias pensar nisso, parece-me que ganhaste peso desde a morte da mãe.

Henry olhou para a cintura e carregou com força no botão que cortava o som do televisor. Estivera a ver as notícias à espera de que

falassem da descoberta no Hotel Panama, mas não houve qualquer referência. Deveria ter sido um dia noticioso concorrido. Tinha no colo um monte de álbuns de fotografias antigos e uns quantos anuários escolares, manchados e bolorentos por causa do ar húmido de Seattle, que se entranhava na placa de betão da cave eternamente por acabar.

Ele e Marty não tinham tido grandes conversas desde o funeral. Marty andava ocupado com o curso de Química na Universidade de Seattle, o que era bom, pois parecia mantê-lo afastado de sarilhos. Porém, a faculdade também parecia mantê-lo afastado da vida do pai, o que foi sendo aceitável enquanto Ethel era viva, mas que agora acentuava ainda mais o vazio na vida de Henry: como se estivesse num dos lados de um desfiladeiro a gritar, sempre à espera do eco que não chega. De todas as vezes que Marty passava lá por casa, parecia que as visitas se resumiam a lavar a roupa, encerar o carro ou cravar dinheiro ao pai, que Henry dava sempre, sem nunca mostrar a menor irritação.

Ajudar Marty a pagar a faculdade fora para Henry uma segunda frente de batalha, se é que cuidar de Ethel fora a primeira. Apesar de contar com uma pequena bolsa, Marty continuava a precisar de empréstimos para estudantes para pagar a sua formação, mas Henry optara por pedir uma reforma antecipada na Boeing Field para poder cuidar de Ethel a tempo inteiro: no papel, tinha imenso dinheiro em seu nome. Parecia *abastado*. Aos olhos de quem emprestava, Marty vinha de uma família com uma conta bancária razoável, embora quem emprestava não estivesse a pagar as contas médicas. Aquando do falecimento da mãe, apenas sobrava dinheiro para cobrir um enterro digno, despesa que Marty achou desnecessária.

Henry também não se deu ao trabalho de contar a Marty da segunda hipoteca, a que ele fizera para o aguentar na faculdade quando a fonte dos empréstimos secou. Para quê preocupá-lo? Para quê pô-lhe pressão em cima? Estudar já é complicado só por si. Como qualquer bom pai, Henry queria o melhor para o filho, mesmo que não falassem muito um com o outro.

Henry não se cansava de folhear os álbuns de fotografias, lembranças esmaecidas do seu próprio tempo de escola, em busca de

uma pessoa que jamais encontraria. Tento não viver no passado, pensou, mas, vá-se lá saber porquê, o passado às vezes vive dentro de mim. Levantou o olhar das fotografias para observar Marty, que se aproximava devagar com um copo alto de chá verde gelado. Marty sentou-se no sofá por um instante, passando então para a poltrona reclinável da mãe, em imitação de pele e estalada, ficando de frente para o pai que se sentiu melhor por ver alguém... quem quer que fosse, no lugar de Ethel.

– Isso é o que resta do chá gelado? – perguntou Henry.

– Sim – retorquiu Marty –, deixei o último copo para ti.

Marty pousou o copo sobre uma base verde-azulada perto de Henry, que se apercebeu da velhice e do cinismo em que se deixara cair após o funeral. O problema não era Marty. Era ele próprio, que precisava de sair mais. O dia de hoje fora um bom começo.

Apesar disso, apenas conseguiu balbuciar um «obrigado».

– Desculpa não ter aparecido muito nos últimos tempos, os exames finais andavam a dar cabo de mim, para além de que não queria desperdiçar o dinheiro que vos custou tanto a ganhar, a ti e à mãe, para me porem na faculdade.

Henry sentia-se agora a corar de culpa, no mesmo instante em que o velho e ruidoso calorífero se desligava, deixando a casa arrefecer.

– Aliás, trouxe-te um pequeno sinal do meu agradecimento.

Marty estendeu-lhe um pequeno envelope *lai see*, em vermelho vivo, com reluzentes folhas douradas gravadas na parte da frente.

Henry aceitou a prenda com ambas as mãos.

– Um envelope da sorte, estás a devolver-me o dinheiro?

O filho sorriu e franziu o sobrolho.

– De certa forma.

Não interessava qual. Henry comovera-se com a atenção do filho, pondo o dedo em cima daquele selo dourado, o símbolo cantonês para prosperidade. Lá dentro, uma folha de papel dobrada, a ficha de avaliação de Marty. Obtivera a nota máxima.

– Vou licenciar-me *summa cum laude*, que significa com distinção.

Seguiu-se um silêncio, nada senão o zumbido elétrico do televisor mudo.

– Está tudo bem, pai?

Henry limpou o canto do olho às costas da mão calosa.

– Pode ser que da próxima vez seja eu a pedir-te dinheiro emprestado – retorquiu ele.

– Se alguma vez quiseres acabar a faculdade, terei todo o gosto em entrar com o dinheiro, pai, atribuo-te uma bolsa.

Bolsa. A palavra tinha um significado especial para Henry, e não apenas por ele nunca ter concluído a faculdade, embora tal não fosse alheio à questão. Em 1949, desistira da Universidade de Washington para se tornar aprendiz de projetista. O programa oferecido através da Boeing representava uma grande oportunidade, embora lá bem no fundo Henry soubesse o verdadeiro motivo para a sua desistência, o motivo doloroso. Tinha dificuldade em integrar-se. Uma sensação de isolamento que permanecia de todos aqueles anos. Não era bem a pressão do grupo. Era antes a rejeição do grupo.

Ao olhar para o livro do seu sexto ano, Henry recordou-se de tudo o que odiara e adorara na escola. Rostos desconhecidos assaltaram-lhe o pensamento, uma e outra vez, como um velho documentário cinematográfico. Os olhares desagradáveis de inimigos de recreio, contrastando com a inocência sorridente das fotografias do anuário. Na coluna ao lado da enorme fotografia de turma surgia uma lista com os nomes dos «não fotografados». Henry encontrou o seu nome na lista; estava de facto ausente daquelas filas e filas de crianças sorridentes. Porém, estivera lá nesse dia. O dia inteiro.

Eu sou chinês

(1942)

O jovem Henry Lee deixou de falar com os pais quando tinha doze anos de idade. Não por causa de uma birra de infância qualquer, mas porque eles lho pediram. Pelo menos, assim pareceu. Pediram, ou melhor, disseram-lhe que deixasse de falar a língua materna. Corria o ano de 1942, e os pais de Henry desejavam desesperadamente que ele aprendesse inglês. Henry ficou ainda mais confuso quando o pai lhe prendeu um crachá à camisa da escola a dizer «Eu sou chinês». O contraste parecia absurdo. Isto não faz sentido, pensou ele. O orgulho do meu pai levou finalmente a melhor.

– *M-ming bak?* – perguntou Henry num cantonês perfeito. – Não percebo.

O pai deu-lhe uma bofetada. Na realidade, foi mais um tabefe ligeiro, apenas para lhe chamar a atenção.

– Acabou. Agora só falares americano.

As palavras saíram-lhe em *chinglês*.

– Não percebo – disse Henry em inglês.

– Hum? – perguntou o pai.

– Se não devo falar chinês, porque é que tenho de usar este crachá?

– Hum, que estares a dizer?

O pai voltou-se para a mãe, que espreitava da cozinha. Ela lançou um olhar de perplexidade e limitou-se a encolher os ombros, regressando aos cozinhados: um bolo de castanha-d'água a avaliar pelo cheiro. O pai virou-se novamente para Henry, dedicando-lhe um aceno com as costas da mão, enxotando-o para a escola.

Não podendo fazer a pergunta em cantonês e mal compreendendo os pais a língua inglesa, Henry deixou que o assunto morresse, pegou no almoço e na mochila, desceu as escadas e saiu para o ar salgado, com cheiro a peixe, da Chinatown de Seattle.

A cidade inteira ganhava vida de manhã. Homens com *T-shirts* manchadas de peixe içavam grades de cantaril e baldes de amêijoas gigantes, semienterradas em gelo. Henry passava por eles, ouvindo-os a discutir uns com os outros num dialeto chinês que nem mesmo ele conseguia compreender.

Seguiu para oeste pela Jackson Street, passando por um carro de flores e um adivinho que vendia números da lotaria, ao invés de ir para leste, na direção da escola chinesa, que ficava a apenas três quarteirões do apartamento no segundo andar onde vivia com os pais. A sua rotina matinal, caminhando contra a corrente, obrigava-o a cruzar-se com dezenas de miúdos da sua idade, que avançavam todos na direção oposta.

– *Baak gwai! Baak gwai!* – gritavam eles, embora alguns se limitassem a apontar e a rir. Significava «diabo branco», termo normalmente reservado para os caucasianos, e apenas nos casos em que mereciam uma ofensa verbal. Havia, contudo, miúdos que tinham pena dele, antigos colegas e amigos de outrora. Miúdos que ele conhecia desde o primeiro ano, como Francis Lung e Harold Chew. Chamavam-lhe simplesmente Gaspar, por causa do fantasma brincalhão.

Se calhar é por causa disto, pensou Henry, olhando para o crachá ridículo a dizer «Eu sou chinês». Obrigadinho, pai, já agora porque não aproveitar para me pôr uma tabuleta nas costas a dizer «Deem-me um pontapé»?

Henry acelerou o passo, dobrando finalmente a esquina e seguindo para norte. A meio caminho da escola, parava sempre perto do portão de ferro em arco na South King Street, onde entregava o seu almoço a Sheldon, um saxofonista com o dobro da sua idade e que trabalhava naquela esquina, tocando para deleite de turistas e por uns trocos. Apesar da atividade florescente na Boeing Field, a prosperidade não parecia abranger as pessoas locais como Sheldon. Tratava-se de um refinado músico de *jazz*, cuja pobreza tinha menos que ver com

os seus dotes musicais e mais com a cor da sua pele. Henry gostara imediatamente dele. Não por serem ambos marginalizados, ainda que, pensando bem nisso, talvez houvesse aí um fundo de verdade. Gostara dele por causa da sua música. Henry não sabia o que era o *jazz*, apenas sabia que era algo que os seus pais não ouviam, o que o fazia gostar ainda mais daquele som.

– Belo crachá, rapaz – disse Sheldon, enquanto abria o estojo para dar início às suas atuações matutinas. – Eis uma excelente ideia, por causa de Pearl Harbor e tudo o mais.

Henry olhou para o crachá que levava na camisa, do qual entretanto se esquecera.

– Ideia do meu pai – murmurou.

O pai odiava japoneses. Não por terem afundado o *USS Arizona*, mas porque andavam a bombardear Chongqing, ininterruptamente, havia quatro anos. Embora o pai de Henry nunca lá tivesse ido, sabia que a capital provisória de Chiang Kai-shek já se tornara na cidade mais bombardeada da História.

Sheldon acenou em concordância e deu um toque na lata metálica que Henry levava pendurada na mochila.

– O que é que temos para o almoço hoje?

Henry entregou-lhe a marmita.

– O mesmo de sempre.

Uma sandes de ovo e azeitonas, palitos de cenoura e uma pera nashi. A mãe tinha pelo menos a gentileza de lhe preparar um almoço americano.

Sheldon sorriu, mostrando um grande dente dourado.

– Obrigado, senhor, e tenha um bom dia.

Desde o segundo dia de aulas na Escola Preparatória Rainier que Henry dava o seu almoço a Sheldon. Era mais seguro assim. O pai de Henry ficara visivelmente entusiasmado após o filho ter sido aceite nessa escola apenas frequentada por brancos, situada ao fundo da Yesler Way. Foi um momento de orgulho para os pais de Henry. Não falavam senão disso com amigos que encontravam na rua, no mercado e na Associação de Beneficência Bing Kung, onde aos sábados iam jogar bingo e *mah-jongg*.

– Aceitaram-no com *scholarshipping*¹. – Era uma das poucas palavras que sabiam dizer em inglês ou, melhor, em *chinglês*.

No entanto, o que Henry sentia estava longe de ser orgulho. As suas emoções tinham galgado o simples medo, atingindo o ponto da mera luta pela sobrevivência. Motivo pelo qual, depois de ter sido espancado por Chaz Preston, que quis ficar-lhe com o almoço no primeiro dia de aulas, Henry passara a dá-lo a Sheldon. Para além disso, fazia um pequeno lucro com a transação, sonogando todos os dias uma moeda de cinco cêntimos ao fundo do estojo de Sheldon a caminho de casa. Uma vez por semana, com o recém-descoberto dinheiro do almoço, Henry comprava à mãe uma coroa-imperial, a sua flor preferida, para atenuar a culpa que sentia por não comer o que ela lhe preparava com tanta ternura.

– Como é que compraste a flor? – perguntava ela em chinês.

– Estavatu doempromoçãohoje.

Henry inventava uma desculpa qualquer em inglês, tentando dar uma explicação para os trocos extra que parecia sempre trazer dos recados que ia fazer ao mercado. Em suma, era quase certo que a mãe não perceberia. O olhar de confusão que se estampava no seu rosto dava lugar a uma expressão de aprovação, ao mesmo tempo que ela acenava com a cabeça e guardava os trocos na bolsa. Embora a mãe pouco compreendesse de inglês, Henry percebia que ela apreciava os seus supostos talentos para o regateio.

Se ao menos os seus problemas na escola se resolvessem com a mesma facilidade.

Para Henry, a *scholarshipping* pouco tinha a ver com os estudos e tudo a ver com trabalho. Por sorte, Henry aprendera a despachar-se. Tinha de ser. Sobretudo nas tarefas imediatamente antes do almoço, uma vez que ele tinha sempre de ser dispensado dez minutos mais cedo. Tempo suficiente para se encaminhar até ao refeitório, onde envergava um avental branco engomado até aos joelhos para servir o almoço aos outros miúdos.

Nos últimos meses, aprendera a calar a boca e a ignorar as provocações, sobretudo quando vindas de rufias como Will Whitworth, Carl Parks e Chaz Preston.

¹ *Scholarshipping* – jogo de palavras que aglutina dois vocábulos: *scholarship* (bolsa de estudo) e *shipping* (embarque).

E a Sra. Beatty, a cozinheira palavrosa que tinha sempre uma rede a apanhar-lhe o cabelo, também não se revelava grande ajuda. Cozinhava à mão, literalmente, medindo tudo com as manámulas sujas e engelhadas. Os grossos antebraços eram a prova de que nunca usara uma batedeira elétrica. Porém a Sra. Beatty nunca tocava na comida que preparava para os alunos. Ao invés, trazia sempre o seu almoço. Assim que Henry dava um nó no avental, ela soltava a rede do cabelo e desaparecia com a lancheira e um maço de *Lucky Strikes*.

A *scholarshipping* no refeitório significava que Henry nunca conseguia aproveitar o recreio. Quando o último miúdo terminava o almoço, ele comia uns pêssegos enlatados na despensa, sozinho, rodeado de altaneiras reservas de molho de tomate e salada de fruta.